

A REPRESENTAÇÃO DA SECA NA LITERATURA DE CORDEL SOBRE O CALDEIRÃO

Ana Cláudia Veras Santos¹⁵

Resumo:

A história da seca na literatura de cordel sobre o Caldeirão traz reflexões acerca da comunidade liderada pelo beato José Lourenço que o enaltecem e acusam segmentos governamentais de abandonarem o povo à própria sorte à época das calamidades causadas pela ausência sucessiva de chuvas. A reflexão depreendida dessas narrativas coincide com pensamentos como os de Landim (2005), ao tratar do enfoque sociopolítico da seca em seu livro *Seca: estação do inferno*, como também com as memórias dos remanescentes ao fenômeno que evocam as benfeitorias realizadas no Caldeirão no período de estiagem em *Caldeirão*, de Lopes (2011), além de *Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, obra de Holanda e Cariry (2007), resultado do trabalho cinematográfico que a dupla fez na década de 1980. O cotejo dessas obras nos sugere que o que resultaria dessa simbiose de vozes presente nesses textos é o que Barthes (1972) e Compagnon (1999) denominam de *efeito de real*. Desse modo, a seca apareceria nesses textos não apenas como uma personagem impiedosa; antes disso, os sujeitos das narrativas refletem sobre o seu efeito em suas vidas, através de um discurso talvez político ao primeiro instante, mas principalmente indignado diante à destruição do Caldeirão, que se configurava como única alternativa naquele momento de calamidade.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Caldeirão. Seca. *Efeito de real*.

Résumé:

L'histoire de sécheresse dans de la littérature de cordel sur le Caldeirão apporte des réflexions sur la communauté dirigée par le Beato José Lourenço qui élogie et le blâme segments de gouvernement abandonne les gens à leur sort au moment de la catastrophe causée par l'absence successive de pluie. Réflexion déduit ces récits coïncident avec des pensées comme celles de Landim (2005), lorsqu'ils traitent avec sèche approche sociopolitique dans son livre *Seca: estação do inferno*, mais aussi avec des souvenirs de rester le phénomène qui évoquent les améliorations apportées dans le Caldeirão dans le période sécheresse dans *Caldeirão*, Lopes (2011), et *Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, le travail de Holanda e Cariry (2007), à la suite de l'œuvre cinématographique, le duo a fait dans les années 1980. La comparaison de ces œuvres fait suggéré que ce résultat de la symbiose de cette voix de ces textes est le que Barthes (1972) et Compagnon (1999) appelle l'effet du réel. Ainsi, la sécheresse

¹⁵ Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará

semble dans ces textes, non seulement comme un caractère impitoyable avant que les sujets de récits reflètent son effet sur leurs vies, à travers un discours peut-être politique, la première fois, mais surtout en colère avant la destruction de la vasque, qui a été configuré comme la seule alternative au moment de la catastrophe.

Mots-clés: Littérature de cordel. Caldeirão. Sécheresse. Effet du réel.

A seca no Caldeirão

A proposta de análise da seca, nas narrativas sobre o Caldeirão, parte primeiramente das leituras de cordéis sobre a comunidade liderada pelo Beato José Lourenço. A partir daí, uma teia de conjecturações se formou sobre essas narrativas, que direcionavam para outras leituras, através das quais foram estabelecidas, desde que possível, relações de “verossimilhança” e de “efeito de real”, conforme apontado por Barthes (1972) e Compagnon (1999). Nessa perspectiva, o poeta cordelista (re) criou sua história a respeito do Caldeirão e da seca, de modo a compará-los à luz dos aspectos considerados por ele determinantes, como por exemplo: a religião, a política, a sociedade, a História, a cultura, o misticismo ou outros textos.

Sobretudo, as análises basearam-se através da forma pela qual os fatos, no caso a história do Caldeirão do beato José Lourenço e a seca, foram apropriados, posteriormente, pela literatura de cordel e as outras narrativas em cotejo. Diante disso, percebemos que os fatos recriados não são aqueles ocorridos nas primeiras décadas do século XX, mas sim o que resultou do desenvolvimento e transformação desses fatos, ao chegarem nos textos e contextos dos anos 1970, 1980, 1990, 2000, depois, inclusive, de vivenciar três décadas de silêncio, o que certamente fez muita diferença nessa retomada.

Partindo dessa reflexão, pensamos que o poeta aqui visitado, além de artesão da palavra, pode ser considerado um cronista por excelência, porque conta histórias de seu tempo ou mesmo de acontecimentos passados, que ele não conheceu, no entanto “ouviu falar”. Ele atualiza esses fatos, algumas vezes tirando do esquecimento situações que podem ter sido enterradas pelo tempo ou pelas mãos do poder estabelecido.

A maneira como o poeta vai tecer sua narrativa se dá através de uma fórmula particular, cada abordagem requer um olhar diferenciado, pois seus autores são diferentes entre si, o que nos permite dizer que o desafio em contemplar um *corpus*

diversificado do ponto de vista da autoria, por exemplo, faz com que mesmo havendo confluências nessas narrativas, a memória em cada uma delas é construída de maneira distinta e impulsionada por fatores também peculiares, de modo a termos em cada cordel uma nova história sobre o Caldeirão, elaborada por teias que se encontram em algum ponto do tempo ou do espaço. Vejamos *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, cujo destaque é dado à seca:

**A mentalidade era outra
sem juventude avançada
quando a seca aparecia
não queria saber de nada
o povo morria as tontas
de fome, peste e cansada.**

[...]

**Agora, quando se estuda
essa história sem atenção
chama-se o beato de fanático
perverso, ruim, ladrão
mas o beato foi bom
caridoso, justo e cristão.**

(BATISTA, 1990, p. 12-13 – grifo nosso).

O poeta, conforme se depreende de seus versos, é um partidário de José Lourenço. Ele lança a crítica da falta de assistência ao povo do sertão e alude que se morria de fome na época da seca. Evidencia o cume do problema e, além disto, fala do desamparo da juventude, da falta de escolas, da ausência do “seu doutor”.

A ação de narrar pela memória ou pela emoção pode ser o reflexo de uma consciência que ora busca por suas raízes históricas, outra necessita comunicá-las aos demais. Batista afirma que sua perspectiva sobre o Caldeirão lhe foi transmitida por sua mãe, que teria conhecido o beato e a comunidade de perto¹⁶. Acerca das motivações das representações, não cabe generalizá-las, pois cada poeta tem seu motivo específico para compor sua narrativa, que pode ir do ato de contar uma história simplesmente, a fazer justiça através das rimas ou até mesmo “devolver para o povo sua história”, segundo o cordelista Paulo de Tarso (1992).

As informações sobre os conflitos travados no Caldeirão chegaram ao nosso presente, de certa maneira, como notícias velhas de um tempo em que reinavam no sertão a desordem, a seca, a fome, o fanatismo religioso e a insubordinação de povos, que se apresentavam como ameaça à civilização e ainda como contraventores

¹⁶Em entrevista realizada com Abraão Batista por mim durante a Bienal do livro de Fortaleza em 2012.

partidários de um ideal oposto ao regime político brasileiro, visto que eram acusados comunistas em plena ditadura Vargas.

A narrativa, por outro lado, sobreviveu a esse colapso de informações cotidianas, haja vista que, sob uma perspectiva benjaminiana: “Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1994, p. 204). É dela, pois, que nosso poeta bebe, é uma fonte que mesmo em terreno árido não seca. Embora perene, por vezes parece também oásis inatingível para a boca abrasada sem “voz” nem “verso”. Nesses momentos, o silêncio a alivia e juntos eles vão se misturando, numa metamorfose gerada pelo tempo, resultando em um novo estado de coisas.

Caldeirão é o lugar onde a comunidade liderada pelo beato José Lourenço viveu entre os anos de 1926 e 1936, situado nas proximidades do município do Crato. Na época que Lourenço foi para lá, sob as recomendações do Padre Cícero, dono da propriedade, o sítio era um lugar inóspito. De acordo com observações em estudos do tema, os romeiros que chegavam ao Juazeiro do Norte iam em grande maioria fixar moradia junto ao beato e lá passaram a desenvolver benfeitorias e a compartilhar de um regime de trabalho, cujos resultados eram divididos igualmente.

Nesse ritmo, a comunidade cresceu e chegou aos anos 1930 demonstrando desenvolvimento e organização quanto aos ritos religiosos e à sua estrutura, de tal maneira que, na época da seca de 1932, o Caldeirão alimentou diariamente centenas de retirantes que ali recorriam para não morrer de sede ou fome, segundo os versos a seguir do cordel *O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão*:

Como em Juazeiro não cabia
o povo que ali chegava
fugindo da seca grande
que o Nordeste assolava
Padre Cícero então mandou
e o beato concordou
e pro Caldeirão se mudava

O lugar era ingrato
pois água ali não havia
era um socavão de serra
dos piores que existia
seu povo então trabalhou
com muita fé e amor
fez ali sua moradia

Em novecentos e trinta
o povo em mutirão
fez um açude e barragem

para aguar a plantação
mais de mil ali morava
e todo mundo se ajudava
era tudo como irmão
(RODRIGUES, 1981, p. 4 - 5 – grifo nosso).

Rodrigues faz um percurso como os poetas partidários da proposta do Caldeirão fizeram, relatando as benfeitorias desenvolvidas na comunidade e o ideal de igualdade na divisão dos frutos do trabalho, o que sem dúvida é apresentado pelas representações aqui analisadas, como o grande mérito de José Lourenço.

Tinha engenho de rapadura
plantio de algodão
nas baixas plantava arroz
na serra milho e feijão
guardava o que se colhia
num armazém **repartia**
prá todos uma ração

Em trinta e dois quando a seca
devastou todo o sertão
lá ninguém morreu de fome
ou se passou precisão
repartiam o que sobrava
com todos que ali chegavam
cresceu a população

Para o pobre retirante
que da sequeidão fugia
procurando água no Crato
curral do Governo havia¹⁷
era um chiqueiro prá gente
morrer ou ficar demente
só maldade acontecia

Os poucos que escapavam
fugiam pro Caldeirão
sabendo que lá na serra
recebiam proteção
em troca do seu trabalho
receberiam agasalho
comida, água e oração.

[...]
Depois de repartir tudo
e guardar pra precisão
o que sobrava vendiam
nas feiras da região
tinha tudo pra dar certo
o povo pobre é esperto
e sabe ter decisão

¹⁷“Curral do Governo” é como os camponeses se referiam aos campos de concentração reservados aos chamados flagelados da seca. Sobre o assunto ver RIOS, kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

(RODRIGUES, 1981, p. 5 - 6 – grifo nosso).

Todavia, com a morte do Padre Cícero em 1934, os Salesianos, herdeiros das terras, passaram a reclamar a posse e exigir a saída dos caldeirenses.

A memória pelo fio do cordão

Em 1936, deu-se a expulsão dos trabalhadores do Caldeirão e depois um conflito com mortes de oficiais e camponeses, que culminaria em 1937 no massacre de centenas de pessoas e em uma “perseguição” que durou anos, passando então o assunto a ser proibido, inclusive na literatura de cordel.

Conforme Lopes (2011), o Caldeirão era lugar de trabalho e oração, alternativa à miséria e à exploração que muitos camponeses viviam no sertão, bem como quando sob a lida com os proprietários de terras.

E assim a vida da gente era essa. Trabalhando. Então, tinha muita fartura. Muito legume. Nada faltava. Tudo que tinha era nosso. Nós vivia em comum. Tudo se comia em comum. [...] Agora, a gente era um povo mais ou menos. Um povo simples. Um povo que não tinha luxo. Não tinha escândalo. Um povo decente. Se havia qualquer coisa o beato chamava atenção, dava um bom conselho. E, ali aquilo tudo passava (...). (D. MARINA apud LOPES, 2011, p. 68).

A literatura de cordel se insere nesse plano formado por ambiguidades, conservadorismo e opressão, tendo sido em certas ocasiões alvo de censura, perseguição e depredação de seu produto material, que é a própria obra literária e artística ou até mesmo do poeta, seu autor intelectual.

Intuímos estar aí também os motivos da escassez de folhetos acerca de determinados assuntos em períodos recortados da história, no qual inserimos o fenômeno deste trabalho. Outros fatores contribuem para essa carência de títulos que tratam do Caldeirão. Afora os já mencionados, apontamos a fragilidade do material em que são confeccionados os folhetos e a forma como as editoras, tipografias, folhetarias ou mesmo os proprietários guardavam suas coleções, sem muito zelo, na maioria dos casos. São explicações que pesquisadores, como Kunz (2011) e Carvalho (2006), alcançaram ao longo de anos de observações em campo. “Além do mais a repressão violenta dirigida contra Canudos e mais tarde contra o Caldeirão não deve ter encorajado o desabrochar da liberdade de expressão dos porta-vozes do povo.” (KUNZ, 1994, p. 29).

Passados meio século do fenômeno, atentemos para mais uma versão feita pelo poeta popular para o cordel *Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular*:

**Em trinta e dois no sertão
Houve uma grande seca
Que expulsou muita gente
E a coisa ficou muito preta
No Caldeirão, não faltou.
Comida não, meu senhor,
Mesmo com a coisa estreita.**

**Amigo aquela receita
Difícil de ser aplicada,
Pelos “Coronéis” do Sertão
De incompetência provada
Para o trabalho com o povo,
Com aquele estilo novo,
A consciência foi tocada.
(ALVES, 1984, p.4 – grifo nosso).**

Nesse ponto, há concordância também com Landim (2005), Holanda e Cariry (2007) e com a memória do Sr. João Silva, remanescente entrevistado por Lopes (2011), conforme acompanhamos respectivamente nos trechos a seguir:

O que confere à seca a peculiaridade de um fato social e de grande significação pode ser resumido da seguinte maneira: em primeiro lugar, a desarticulação do processo de acumulação em termos regionais e de classe social; em segundo lugar, a desagregação das famílias e aglomerados humanos, sobretudo entre camponeses e trabalhadores sem terra; finalmente, a pressão social e política que as classes subalternas e a classe dominante da região exercem sobre o poder público municipal, estadual e federal para que ponha em execução uma política de amparo às populações flageladas pela seca (dela decorrem, o coronelismo e o cangaço muitas vezes. (LANDIM, 2005, p. 12).

A perspectiva apontada por Landim acerca da situação de seca é que ela se agrava quando o povo está desarticulado politicamente, por exemplo, e ainda quando ação dos responsáveis legítimos é falha. No Caldeirão, segundo consta nas narrativas aqui apreciadas, a figura do Beato José Lourenço aparece como líder, organizando o estado caótico dos retirantes que ali chegavam a todo instante.

Antônio de Alencar Araripe, prefeito do Crato na época, conta que todos os dias chegavam trens repletos de flagelados [...]. Sem outros recursos, o prefeito mandava colocar essa gente no sítio Buriti, espécie de campo de concentração, que o povo chamava de “Curral do Governo”. [...] Antônio Alencar Araripe confessa: “Eu mandava diariamente abrir grandes covas para enterrar os mortos. Só tinha fome e peste, era um horror.” Para os flagelados que chegavam ao Caldeirão, na seca de 32, o beato José

Lourenço abriu os celeiros de víveres da comunidade. Alimentados, os retirantes juntara-se ao trabalho com a irmandade da Santa Cruz do Deserto. Dois **grandes açudes foram construídos, tornando possível um sistema rústico de irrigação.** (HOLANDA e CARIRY, 2007, p, 72 – 74 – grifo nosso).

Observa-se um discurso de total inadequação entre função e representação de autoridade. Alencar Araripe, responsável político naquela região, detendo essa condição não consegue suprir as necessidades básicas daquele povo, que morria aos milhares de sede, fome e peste. Por outro lado, a comunidade organizada pelo Beato José Lourenço cumpria o papel das instituições governamentais, em meio ao seu sistema rústico, alimentou e deu de beber a milhares de pessoas que a ele recorriam como alternativa a não morrer de sede, de fome ou “empanzinado” pela farinha distribuída pelo Governo.

A seca de 32... é que tudo quanto ele (beato) tinha, desde o Caldeirão, que tinha plantado até a Serra do Araripe, tinha 600 tarefas de mandioca, isso aí tudim, foi pra o povo se alimentar. [...] Graças a Deus, nós que tava lá com ele nunca foi preciso vir pra esse Curral do Buriti. É, esse pessoal aqui (Juazeiro), coitado dos pobrezim, tudo iam pro Curral do Buriti morrer empambabo com a suruina da Bahia, com aquela farinha. (LOPES, 2011, p. 80).

Os diferentes pontos de uma mesma teia

É consensual que o ponto comum entre as narrativas do cordel referentes ao Caldeirão, após romperem com o silêncio de tantos anos, é a menção à referida seca de 1932. Nessas representações o episódio é lembrado como momentos de grandes dificuldades acrescidas pela falta de assistência dos órgãos públicos. No entanto, quando se referem a esse mesmo tempo vivido no Caldeirão, o discurso é de que lá havia amparo tanto para os moradores da comunidade, quanto para aqueles que recorriam diariamente ao beato José Lourenço.

A situação retratada, de que José Lourenço promovia melhorias na vida daquela gente, especialmente, no período da seca, diferenciava-o dos responsáveis “legítimos”, o que finalmente repercutiu negativamente contra o beato.

**Com a vassalagem abalada
Pelo exemplo do Caldeirão,
Começaram a inventar
Histórias sem proporção,
Diziam que o Beato
Tinha no seu amparato**

Regime de escravidão.

**Espalharam no sertão
As calúnias e maldades,
A ponto de incentivarem
Até as autoridades,
E passaram a colocar
Pessoas pra observar
A todas as atividades.
(ALVES, 1984, p.5 - grifo nosso).**

De acordo com o poeta Rodrigues (1981, p. 6), as pessoas que recorriam ao Caldeirão durante a seca de 1932, “em troca do seu trabalho/receberiam agasalho/comida, água e oração”, de modo que o que José Lourenço fazia não era propriamente caridade, tampouco “escravidão”, visto que o poeta fala que as pessoas trabalhavam e recebiam por isso.

Hoornaert (1988) confirma essas ressalvas, quando menciona a ocasião da seca de 1932, em que o Caldeirão mostrou seu valor entre os “camponeses pobres do Cariri”, alimentando-os diariamente: “Essa façanha, não só de caridade, mas de operacionalidade e organização, foi mantida durante 23 meses, por todo o tempo em que a seca assolava o sertão e o vale do Cariri.” (HOORNAERT, 1988, p. 100).

Observa-se que as representações em contemplação convergem quando relatam a situação de seca vivida no Caldeirão. As diferenças podem ser apontadas no tocante à escolha dos argumentos, talvez pelas ideologias do poeta ou do contexto a que ele se associa, assim, aspectos religiosos, políticos ou biográficos são expostos de acordo com a percepção de cada poeta. Comparemos uma última narrativa desenvolvida no cordel *O Beato José Lourenço e o Caldeirão*:

**No ano de trinta e dois
Com a seca no Nordeste
O povo passava fome
No grande sertão Agreste
Pois o governo safado
Era pior que a peste.**

**Mas o Beato Lourenço
Homem muito prevenido
Abrigou no Caldeirão
Quem o fazia pedido
Fazendo sem interesse
Pois não tinha nem partido.
(GOMES, 1992, p, 07 – grifo nosso).**

Vemos que a seca de 1932 aparece na versão de Gomes, com críticas ao Governo e defesas ao beato José Lourenço que, segundo ele, sustentou os famintos

naquela ocasião. Associando isso às reflexões de Lopes (2011), é possível notar mais semelhanças entre essas e os versos de cordel aqui apreciados:

Durante a seca 1932 no Cariri, houve uma outra forma de ajudar os flagelados. O Caldeirão acolheu e deu alimento a centenas de sertanejos de Pernambuco, Rio Grande do Norte e do próprio Ceará. Muitos dos que foram escapar da fome no Caldeirão acabaram ficando lá mesmo e integraram-se à comunidade. O acolhimento foi uma prática não só nos períodos de seca, mas é claro que nas secas chegavam mais gente. Em 1932, a organização do Caldeirão já estava tão bem estruturada que não houve grandes problemas no socorro dos flagelados. (LOPES, 2011, p. 79).

Importa dizer ainda que as narrativas aqui em destaque abordam a temática da seca no Caldeirão através de ângulos diferentes, trazendo à tona o que o seria o “real” ou o “verossímil” na história do Caldeirão e do seu líder, de maneira que a representação se realize circunstancialmente através do embate dessas memórias. De modo que a presença da seca aí se configura como uma personagem fundamental para o desenvolvimento dos argumentos dos poetas. Esse processo seria “o puro encontro de um objeto e sua expressão”, algo que Barthes (1972) denominou de *efeito de real*.

Referências bibliográficas:

BARTHES, Roland. **Literatura e semiologia: pesquisas semiológicas**. Petrópolis: Ed. vozes, 1972.

BATISTA, Abraão. **A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho**. Juazeiro do Norte: Ed. Esp. 3M, 11/1990.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnabin. 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1)

BINES, Rosana Kohl. Cotejando a dor: narrativas da barbárie. *In*: HENRIQUES, Ana Lúcia de Souza (org.). **Literatura e comparativismo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto**. Fortaleza: Cariri Filmes, 1985. Longa- metragem. Documentário. (78 min).

CARVALHO, Gilmar de. **Lyra popular: o cordel de Juazeiro**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

GOMES, Paulo de Tarso B. **O Beato José Lourenço e o Caldeirão**. 1. ed. 2M. Fortaleza: [s.n.], 1992.

HOLANDA, Firmino e CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto: apontamento para a história**. Fortaleza: Interarte, 2007.

HOORNAERT, Eduardo. Questões metodológicas acerca da igreja de Caldeirão (heurística e hermenêutica). *In*. 1º Simpósio internacional sobre o Padre Cícero e os romeiros de Juazeiro do Norte, 1., 1988, Juazeiro do Norte. **Anais...** Fortaleza: UFC, 1988. p. 88-109.

KUNZ, Martine: **Cordel: A voz do verso**. 2. Ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

_____. Os milagres do milagre na voz do poeta popular. *In*: Caderno cultural nº 10 – **Padre Cícero**. Fortaleza: Edições Fundação Cultural de Fortaleza, janeiro/fevereiro - 1994.

LANDIM, Teoberto. **Seca a estação do inferno – uma análise dos romances que tematizam a seca na perspectiva do narrador**. 2ª Ed. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

LOPES, Régis. **Caldeirão: estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades**. 2. ed. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/ Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/UFC, 2011.

RODRIGUES, J. Normando. **O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão**. Crato: Gráfica ABC, junho de 1981.